

# INFÂNCIA, VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DIÁLOGOS E CONTEXTOS

*Hugo Monteiro Ferreira<sup>1</sup>*

*Maria Angélica de Deus Xavier Neves (GETIJ/DED/UFRPE)<sup>2</sup>*

## RESUMO

Este artigo apresenta análises de dados da pesquisa de graduação intitulada *Violência na Escola: Diálogo e Contextos* (/2012/2016). O objetivo geral e os objetivos específicos relacionam-se com o seguinte problema: É possível por meio do diálogo e da contextualização identitária, minimizar ou mesmo erradicar a violência na escola praticadas entre/contra crianças e/ou adolescentes? Metodologicamente, a investigação se fundamentou em duas modalidades de pesquisa teórica e empírica. aplicou abordagem qualitativa, tendo como métodos procedimentos etnográficos e utilizado-se de técnicas de coleta de dados como entrevista semiestruturada e observação participante. Os aportes teóricos que sustentaram esse estudo estão amparados em Abramovay (2002); Freire (1975); Gomes (2007); Galvão (2008; 2010); 2003); Njaine e Minayo (2003); Noletto (2001) e Michaliszyn (2011). A violência na escola, segundo dados que coletamos, tem origem na

---

1 Professor do departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação Educação, Culturas e Identidade da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco. E-mail: hmonteiroferreira@yahoo.com.br

2 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Membro do Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, da Infância e da Juventude.

violência social como um todo e a escola, em razão de sua condição social e histórica, torna-se por isso mesma também violenta. Nossa intenção, todavia, foi demonstrar de que modo essa violência poderá ser minimizada e/ou erradicada.

**Palavras-chave:** Violência Escolar; Diálogo; Contextualização; Docência.

## **CHILDHOOD, VIOLENCE AT SCHOOL: DIALOGUES AND CONTEXTS**

### **ABSTRACT**

This article presents data analyzes of the graduation research entitled Violence in School: Dialogue and Contexts (/ 2012/2016). The general objective and the specific objectives relate to the following problem: is it possible through dialogue and contextualization, to minimize or even eradicate violence at school against children and / or adolescents? Methodologically, the research was based on two modalities of theoretical and empirical research. Applied a qualitative approach, using as methods ethnographic procedures and using data collection techniques such as semi-structured interview and participant observation. The theoretical contributions that supported this study are supported by Abramovay (2002); Freire (1975); Gomes (2007); Galvão (2008; 2010); Njaine e Minayo (2003); Noletto (2001) e Michaliszyn (2011). Violence at school, according to data we collect, originates from social violence as a whole and the school, because of its social and historical condition, is therefore also violent. Our intention, however, was to demonstrate how this violence could be minimized and / or eradicated.

**Keywords:** School Violence; Dialogue; Contextualization; Teaching.

A minha alma tá armada e apontada  
Para cara do sossego!  
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)  
Pois paz sem voz, paz sem voz  
Não é paz, é medo!  
(Medo! Medo! Medo! Medo!)  
(...)  
É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir admitido  
É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir  
É pela paz que eu não quero seguir admitido

O Rappa, *A minha alma (A paz que eu não quero)*, 2003

## Introdução

A escola é uma instituição social e histórica, ou seja, não deve ser desassociada das ideologias, da linguagem, do imaginário e do pensamento humano. Há uma relação profícua entre ambiência escolar e vida individual e coletiva das pessoas. Nesse sentido, quando falamos em violência que acontece dentro da escola, também precisamos entender a violência que acontece fora da escola, suas causas e suas consequências e como esses dois fenômenos estão imbricados.

Há neste artigo discussões teóricas as quais apresentam argumentos que fundamentam de modo mais reflexivo aquilo que dissemos no parágrafo acima, isto é, existe uma inter-relação entre a sociedade e a escola, logo entre a violência que ocorre na sociedade e a que ocorre na escola, prejudicando crianças e adolescentes. Uma está ligada a outra e ambas

possuem intensa e densa agressividade violenta. Não podemos, no entanto, deixar de evidenciar que a violência escolar, ou aquela que ocorre nos bancos escolares, possui especificidades e que a escola, na condição de instituição reflexiva, pode ajudar a combater ocorrências de agressividade entre e contra infantis.

Na nossa visão, o combate a violência precisa ocorrer a partir do diálogo e das contextualizações. Isto porque, parece-nos acertado dizer que tais categorias quando materializadas nas práticas pedagógicas possibilitam e permitem que crianças e adolescentes consigam experimentar a escola de modo não agressivo, portanto dialógico. Acreditamos que numa escola na qual diálogo e contextualização identitária acontecem, a ocorrência da violência ou é minimizada ou é erradicada.

A pesquisa que fundamenta o presente texto teve como objetivo geral investigar, através de um estudo empírico e teórico, situações de violência na escola, evidenciando qual o papel do diálogo e das contextualizações identitárias, com vistas à minimização do problema. E como objetivos específicos: a) apresentar por meio de pesquisa teórica, conceituações sobre violência escolar, explicando suas possíveis causas e consequências; b) comparar, através de investigação empírica e teórica, modelos pedagógicos que demonstrem ou problemas na resolução dos conflitos ou sucesso na resolução dos conflitos ocorridos em sala de aula e c) propor, por meio de reflexões teóricas, sugestões que possam colaborar com a prática pedagógica no que diz respeito aos problemas encontrados no âmbito da temática violência escolar.

Muitas perguntas nos motivaram a pesquisar o tema em tela: a) a escola é violenta ou a escola se torna violenta?; b) a violência que presenciamos na escola entre/contra crianças e adolescentes é originária da violência que existe na sociedade como um todo?; c) se tivermos diálogo, teremos uma escola menos violenta ou pacífica?; d) qual o papel da contextualização na resolução de conflitos dentro da escola?; e) há saída para os problemas que experimentamos no cotidiano da sala de aula no que diz respeito à

violência? Tais perguntas não pretendem ser totalmente respondidas, mas dinamizam a nossa trajetória de pesquisado.

Na pesquisa teórica, estudamos diversos autores os quais tratam sobre os temas que estão presentes em nosso trabalho. Os principais são: Abramovay (2002); Freire (1975); Gomes (2007); Galvão (2008; 2010); Njaine e Minayo (2003); Noletto (2001) Michaliszyn (2011). Estes autores, mais alguns outros que ainda estamos estudando, nos dão base para que possamos argumentar de modo consistente o que estamos estudando. São autores que pesquisam sobre o nosso tema e que trazem luz as nossas dúvidas.

De um ponto de vista metodológico, nossa pesquisa se assenta nas modalidades de pesquisa teórica e empírica, aplicamos uma abordagem qualitativa e nos inspiramos na etnografia para que façamos os nossos procedimentos metodológicos. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. Nosso *locus* de investigação foi uma escola municipal do Recife e nossos participantes investigados foram docentes do Ensino Fundamental

Entendemos pelo que já estudamos que a violência é um fenômeno de difícil compreensão e solução, visto que suas causas possuem raízes diversas. No entanto, vimos também que as experiências dialógicas em sala de aula demonstram que é possível para a escola, tentar minimizar a violência e dar início a um modelo pacífico de sociedade dentro da ambiência escolar. O diálogo, no nosso entendimento, evita a guerra, porque estabelece acordos entre aqueles que pensam diferente e agem de forma diferente.

Não poderemos ter uma escola pacífica enquanto não tivermos uma escola dialógica. A escola dialógica é aberta para a convivência entre os diferentes e propositiva, pois não pretende dar continuidade aos problemas que se engendram na sociedade como um todo. O diálogo, como explicamos aqui, leva ao contexto, à contextualização e esta, por sua vez, conduz à diversidade. Ainda é nossa intenção avançar um pouco nos estudos da diversidade, neste momento, não o fizemos, mas faremos.

A escola com diálogo e fundamentada em contextos não deve ser entendida como uma utopia, mas como algo que é possível, desde que os seres humanos queiram. Como veremos, apresentamos a análise que fizemos das entrevistas que realizamos com as professoras da escola na qual coletamos os dados empíricos. Com base nas respostas das professoras, fizemos comentários sobre o que ouvimos e sobre o que assistimos em sala de aula. As respostas das professoras e a observação que realizamos em sala de aula ratificaram o argumento central de nossa investigação.

## **1. A violência escolar e sua relação com a sociedade**

Não é simples dizer o que violência escolar, pois a violência escolar é também a violência que está fora da escola. Infelizmente, nos dias hodiernos, vivemos numa sociedade extremamente violenta na qual a relação entre as pessoas está muito difícil e a capacidade de diálogo entre os seres humanos não tem sido fácil. Assim, não é simples dizer que violência escolar é um tipo de violência que ocorre só dentro da escola, pois aquilo que acontece no meio do pátio, na hora do recreio, na quadra de esportes, na sala de aula, também acontece no meio da rua e dentro de casa.

Entendemos que a violência escolar, portanto, é um fenômeno que vem de fora da escola e que dentro da instituição de ensino toma proporções específicas e maiores. Essa nossa opinião tem fundamentos na opinião de Gonçalves e Sposito (2002), para quem a violência escolar só existe porque a sociedade na qual a escola está inserida também é violenta e não sabe resolver sem guerras os conflitos por ela vivenciados. Sabemos que acontecimentos como roubos, assaltos, corrupção, sequestro têm a ver com a desigualdade social e econômica e que isso tem rebatimento na escola e na vida dos sujeitos que vivem na escola.

Segundo Gonçalves e Sposito (2002), agressões e ofensas entre alunos, entre professores e alunos, desrespeitos aos funcionários, *bullying*,

assédios e tantas outras situações que desqualificam o relacionamento humano são reflexos de uma sociedade cercada pelo “incapacidade que temos de dialogar uns com os outros, respeitando as nossas diferenças e sabendo entender as identidades de cada um” (GONÇALVES e SPOSITO, 2002:23). De acordo com Sposito (2002), a violência na sociedade não é um fato atual, sempre esteve presente nas mais diversas civilizações, revelando-se com características contextuais próprias de cada época. “Os seres humanos são muito violentos quando querem impor suas ideias”. (SPOSITO, 2002:61).

Para Gonçalves (2002), as mudanças sociais que ocorrem no Brasil desde a década de 80, com o surgimento da redemocratização e com a certeza da globalização e com alterações no comportamento individual e coletivo de muitas classes sociais mexeram muito com a escola, mas “nem sempre a escola esteve preparada para receber tais mudanças no seu universo” e essa “situação de não se adaptar da escola” provocou muitos problemas dentro da sala de aula entre as novas gerações e as gerações formadas em épocas e períodos diferentes. “A escola não conseguiu dialogar com uma novidade que chegou para ela”. (SPOSITO, 2002:66).

As causas da violência na escola, portanto, segundo Gonçalves (2002) e Sposito (2002), estão ligadas à violência que ocorre na sociedade como um todo e que tem base na desigualdade social e econômica, na diferença cultural e na incapacidade de dialogar com as diferenças demonstrada em muitos momentos de nossa civilização. Conforme Sposito (2002:77), as diversas modalidades de violência engendradas na sociedade atingem, além dos espaços privados, àqueles de domínio público e os efeitos desta violência acabam por afetar praticamente todos os contextos institucionais, entre eles, a escola.

Ao estudarmos questões referentes à díade violência/indisciplina, circunscrita aos estabelecimentos escolares formais, procuramos ter como um dos pontos de orientação um conceito ampliado de violência, visto que esta é tradicionalmente percebida preferencialmente enquanto danos físicos e

materiais. A escritora Marilena Chauí (1996/1997) entende que a violência de modo geral é:

uma realização determinada das relações de forças, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (CHAUÍ, 1996/1997, p. 35).

Esse conceito apresentado por Chauí (1996/1997) sobre violência numa visão geral nos ajuda a perceber que a violência dentro da escola é algo que tem a ver com a opressão que os mais fortes tendem a fazer contra os mais fracos. E que essa violência dentro da escola é algo que possui base na violência que ocorre fora da escola de modo forte na sociedade. A “assimetria” entre quem manda e quem obedece, quem dita a norma e quem tem de cumprir a norma, quem é o chefe e quem é o operário, quem acha que tem o poder e quem acha que é subordinado ao poder.

Nesse sentido, podemos dizer que a violência que ocorre na escola é uma questão de opressão entre fortes e fracos, entre quem se acha poderoso e quem se acha oprimido, entre quem tem força social e quem não tem.

Segundo Abramovay (2002:21) “a escola reproduz o que tem na rua e, não fazendo contraponto ao que é de fora da escola, passa a tornar seu o que seu, de fato não é...” . Ainda conforme Abramovay:

um olhar sócio histórico, tendo como um apoio os condicionantes culturais, poderá desenhar novas configurações, caracterizando o problema enquanto interdisciplinar, transversal à Pedagogia e devendo ser tratado por um maior número de áreas em torno das ciências da educação. (ABRAMOVAY, 2002:41).

Aquino (1996) traz mapeamento do fenômeno da violência escolar em treze capitais brasileiras. Para este autor, o conceito de violência escolar é utilizado de forma bastante abrangente, mas nenhum, de fato, deve ficar desassociado da relação que mantém com os problemas ocorridos fora da escola. Segundo Aquino (1996), a violência escolar tem origem na violência social e histórica, cultural e geográfica, econômica e espiritual, étnica e de gênero, de orientação sexual, nacionalidade, que ocorre por questões de preconceito, discriminação, rejeição e intolerância.

Nos nossos estudos, percebemos que existem significativas diferenças entre autores de diversos países e de conceituação sobre violência na escola, porém verificamos que existe um consenso no que tange às causas, sendo estas consideradas multifatoriais como também relacionadas à sociedade na qual a escola está inserida. Atualmente, é possível encontrarmos um aumento no número de pesquisas sobre o fenômeno da violência, todavia, Sposito (2002) afirma que mesmo após o advento da democratização do país, quando o tema alcançou o debate público, a quantidade de produção científica ainda é incipiente e apenas nos últimos anos, ela tem sido fomentada, sobretudo nas instituições de ensino superior e em algumas organizações não governamentais.

## **2. A escola, as crianças e os adolescentes: algumas tipologias de violência**

A violência que as crianças e os adolescentes exercem/sofrem é, antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles, assinala Colombier (1989). A criança e o/a adolescente podem trazer para a ambiência escolar as experiências violentas e agressivas ocorridas nos seus cotidianos. Espaços e tempos violentos forjam sujeitos que aprendem a lidar com essas situações como se fossem elas as mais legítimas e as mais adequadas nos seus processos de relacionamentos coletivos.

Segundo Colombier (1989), há alguns tipos de violência que são vivenciadas pelas crianças e pelos adolescentes fora da escola e que podem ter repercussão dentro escola. A violência doméstica e a violência simbólica são dois tipos de violência experimentadas por crianças e adolescentes e que podem ter sérias repercussões para e nos processos de vivência individual e coletiva. Ferreira (2012) afirma que a violência doméstica é um transtorno na vida de crianças e adolescentes que passam por esse tipo de situação dentro de casa.

Dados do Instituto Patrícia Galvão (2010) sinalizam que há uma relação entre crianças e adolescentes que xingam, quebram, batem, se envolvem em brigas, ameaçam, com famílias que vivenciam violência contra a mulher. “Em casas nas quais as mulheres (mães) sofrem violência por parte de seus companheiros, crianças e adolescentes, na vivência escolar, tendem a reproduzir posturas agressivas” (FERREIRA, 2012). Nesse sentido, compreendemos que casas violentas são matrizes de salas de aula violentas.

A violência que é experimentada dentro das casas pelas crianças e pelos adolescentes também não deve ser isolada de violências mais amplas que acontecem fora de casa, nas situações sociais como um todo. Há, como explica Waiselfisz (2015), estreita relação entre uma cultura social violenta e a violência no âmbito doméstico e também no âmbito escolar. Isto é, países,

estados, cidades, bairros, localidades, causas e condições violentas, geram interlocuções violentas, agressivas.

Para Waiselfisz (2015), nossas infâncias estão submetidas a um mundo forjado numa cultura usuária de armas de fogo<sup>3</sup>. Dados levantados por esse pesquisador demonstram que a arma de fogo e o número de óbitos numa sociedade têm relação que deve ser considerada. Ainda segundo Waiselfisz, quem mais morrem de mortes “matadas por armas de fogo” são crianças, adolescentes e jovens, visto que essas pessoas, nessas gerações, estão expostas às violências diversas que uma cultura agressiva promove e possibilita.

Conforme Colombier (1989), a violência simbólica, um dos tipos apontados por Sposito (2002), é muito difícil de ser percebida e categorizada como violência, no entanto, é real e contundente na vida de uma criança, de um adolescente, de um jovem.

A violência simbólica exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento”. (COLOMBIER, 1989:57)

De acordo com Ferreira (2012), a violência simbólica, experimentada por crianças nos ambientes familiares, tem consequências desastrosas na

---

3 WAISELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Armas de Fogo**. <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>. Consulta em abril de 2015.

vida escolar. Crianças que vivenciam cerceamentos, escanteamentos, indiferenças, limitações alimentares, mentiras, predileções, preterimentos, julgamentos silenciosos, acusações generalizadas, trazem, para o dia-a-dia das salas de aula registros de agressividade com o coletivo ou consigo mesmas. Como estamos dizendo desde o início desse tópico, a existência de fenômenos de violência na escola não deve ser analisados isoladamente, ignorando aspectos sociais, culturais, geográficos, econômicos, étnicos, linguísticos, afetivos e emocionais.

Conforme nos explica Fante (2013), a violência contra crianças e contra adolescentes ocorrida no espaço escolar, ainda que não deve ser analisada isoladamente, em certos aspectos, pode assumir configurações próprias. Para Ferreira (2012) o *bullying* é um exemplo de violência que, embora não ocorrendo somente na escola, tem nesse espaço social um dos seus meios mais propensos para que esse tipo de violência se dê. “A escola pode aprender a ser fisicamente violenta, o *bullying*, em muitas situações, materializa um tipo de agressividade que não é comum vê-lo em outros ambientes senão o escolar.” (FERREIRA, 2016)

Para Abramovay (2002), crianças e adolescentes violentos são crianças e adolescentes que aprendem a ser violentos, porque não são educados para o diálogo e para o contexto. Concordamos com Abramovay (2002), pois entendemos que o diálogo e o contexto são essenciais para que a violência que se cria na escola e na sociedade como um todo diminua ou suma definitivamente. Ferreira (2012) afirma que a violência na escola é fruto de um mundo em que não se costuma praticar diálogos e não se considera a contextualização de cada identidade.

### **3. A escola, o diálogo e as contextualizações**

Entendemos que a violência na escola não é de fácil resolução. Como dissemos nos dois tópicos anteriores, a violência na escola tem base nas

problemáticas que estão fora do ambiente pedagógico, porém, de algum modo, no ambiente pedagógico ela se mantém e nele, em muitos casos, assume outras configurações. No entanto, entendemos que uma escola necessita ser dialógica e considerar os contextos diversos das identidades diversas para que possa minimizar os problemas encontrados na escola e por ela mantidos no que diz respeito à violência escolar.

Freire (1975) explica que o diálogo é um encontro entre pessoas, mediado pelo mundo, não se esgotando na relação entre duas pessoas, mas tendo de considerar que essas duas ou mais pessoas estão envolvidas em contextos diferentes, portanto em realidade diferentes. Conforme Freire (1975:91), não pode haver “diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem, entre os que negam aos demais o direitos de dizer a palavra e os que se acham negador”, isto porque, o diálogo nasce do acordo entre os pares, do respeito, da compreensão.

Uma escola com diálogo é o mesmo que uma escola dialógica, local pedagógico onde existe a dialogicidade. Segundo Ferreira (2012), a dialogicidade está (in) diretamente ligada aos processos dialógicos, isto é, os processos que não pretendem hegemonia de falas e silenciamento de falas. “A dialogicidade tem por natureza dar vez e voz às interlocuções, evitando que um pensamento se sobreponha a outro e permitindo que o diálogo em sala de aula seja fio condutor de reflexões e debates. No universo da dialogicidade, não se exclui o contraditório, porém o torna possível” (FERREIRA, 2012:13).

Entendemos que quando falta diálogo na escola sobra opressão, ou seja, sem diálogo, com opressão, teremos o mais fraco sendo vítima do mais forte e o mais forte, como nos explica Gonçalves (2002), é sempre aquele que tem traços de identidade adequado ao que se espera socialmente. O diálogo evita que a briga entre os diferentes faça o mais forte impor sua visão de vida ao mais fraco. Sem a boa conversa, as pessoas sempre decidem os conflitos na base ou da agressão física, ou psicológica ou simbólica.

Freire insiste que sem diálogo, há tendência a se ter opressão nos processos educativos. Parece-nos então adequado dizer que a opinião de Freire

(1975) se aproxima da opinião de Zabala (1995) quando este assinala que nos cotidiano da prática pedagógica a ausência da contradição implica a presença da supremacia de um em prejuízo do direito do outro. Eis um problema que a docência integral necessita resolver: ausência de diálogo pode promover uma série de problemas nos processos de aprendizagens.

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, o com o diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. O diálogo é, portanto, o indispensável caminho (Jaspers), não somente nas questões vitais para a nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtual da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eles mesmos" (FREIRE, 1975, p.115-116).

No nosso entendimento, seria inadequado, portanto, uma docência integral que não esteja devidamente sintonizada com esse princípio, o princípio da dialogicidade. De mesma forma, é, no nosso ver, incoerente com a proposta de educação integral que aqui defendemos, posturas pedagógicas que ignorem as contextualizações identitárias dos sujeitos envolvidos nos e com os processos educativos. A contextualização pode ser compreendida, considerando que:

é um fenômeno de vital relevância para os processos de reflexão tanto em termos de ensino quanto em termos

de aprendizagens. A contextualização importa sobremaneira para a compreensão das questões identitárias, uma vez que tais questões exigem por parte das interlocuções o respeito a situacionalidade do outro. Difícil se conseguir respeitar a experiência daquele que não é similar se não for considerada a dimensão contextual de cada pessoa. Seria, portanto, acertado dizer que a contextualização é vital para a empatia, logo para compreensões plurais identitárias (FERREIRA, 2007:138)

De um ponto de vista, conceitual, a contextualização poderá ser entendida como:

A relação de dependência entre as situações que estão ligadas a um fato ou circunstância: o contexto social da ditadura. O que compõe o texto na sua totalidade; a reunião dos elementos do texto que estão relacionados com uma palavra ou frase e contribuem para a modificação ou esclarecimento de seus significados. P.ext. Encadeamento do que compõe o discurso; contextura. Linguística. Ordenação sequencial extralinguística que, durante um ato comunicativo, determina as circunstâncias de utilização da língua. (Etm. do latim: contextus.us) (Dicionário Online. <http://www.dicio.com.br/contexto>)

Não se pode tratar sobre educação integral sem que as duas explicações citadas sejam consideradas. Nesse caso mais precisamente, a docência na educação integral necessita considerar as variações identitárias que ocorrem no âmbito da sala de aula e para que tal consideração se dê, é fundamental que ocorra o processo de contextualização das realidades que se

apresentarão no universo pedagógico. Sob a lógica da contextualização, muito provavelmente, os traços identitários cambiantes, volúveis, incertos, imprecisos, transitórios terão melhor compreensão por parte da docência.

A LDB 9.394/96, no artigo 28º, indica como isso pode ser feito, por expor que “os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente”. Isso significa que o ensino deve levar em conta o cotidiano e a realidade de cada região, as experiências vividas pelos alunos, quais serão suas prováveis áreas de atuação profissional, como eles podem atuar como cidadãos; enfim, ensinar levando em conta o contexto dos estudantes. Somente baseado nisso é que o conhecimento ganhará significado real para o aluno. Do contrário, ele poderá se perguntar: “Para que estou aprendendo isso?” ou “Quando eu usarei isso em minha vida?”. Isso faz com que o aluno passe a rejeitar a matéria, dificultando os processos de ensino e aprendizagem. (RICARDO, 2001:149)

A contextualização das situações, das ocorrências, possibilita ao docente não tomar como referência uma única realidade, desprezando aspectos identitários que caracterizam os sujeitos em suas singularidades. Na medida em que contextualiza, o docente consegue estabelecer nas suas relações com os elementos constitutivos da sua prática pedagógica consistentes e coerentes abordagens, de modo que evite segregações e preconceitos.

A contextualização das práticas pedagógicas, para além do âmbito identitário, contempla também as questões relacionadas ao âmbito do conteúdo, uma vez que propõe que o ensino de conteúdos conceituais possa apresentar para os discentes uma espécie de melhor compreensão na sua

aplicabilidade. Isto é, num processo de ensino para o qual a contextualização é elemento fundamental, o conteúdo conceitual não é tratado como algo exógeno à vida dos discentes.

A contextualização remete imediatamente a um outro elemento que, no nosso entendimento, precisa fazer parte da docência integral: a diversidade. A diversidade poderá ser compreendida como a existência de diferenças que não se excluindo, podem se opor. A oposição não implicará a exclusão, a segregação, a discriminação, a destruição daquele ou daquele o qual não espelha traços identitários. No universo da diversidade, não existe espaço para a igualdade previamente apresentada.

A diversidade é uma situação real em sala de aula e, no momento em que processos pedagógicos se dão, é essencial à docência que essa situação real seja devidamente considerada. Há diversidade em muitos aspectos no universo escolar: gênero, orientação sexual, etnia, crença religiosa, cultura, geração, cognição, familiar, econômica, social, cultural. A diversidade faz parte da natureza da convivência social, compreendê-la num ato docente é menos uma opção e mais uma obrigação (FERREIRA, 2012).

## **4. A violência na escola: diálogos e contextualizações**

### **4.1 Explicações Iniciais**

Neste tópico, apresentaremos discussões sobre os dados que coletamos na parte empírica de nossa pesquisa. Como já explicamos, nossa investigação ocorreu fundamentada em duas modalidades de pesquisa: a teórica e a empírica. Na teórica, levantamos os dados – os estudos – necessários para que nossos argumentos não fiquem frágeis e nem se percam em posições exclusivamente pessoais. Na empírica, coletamos dados no campo e a partir dessas situações, montamos um quadro de dados que nos permitiram proceder às análises.

Nossa pesquisa se fundamenta numa abordagem de natureza qualitativa. A abordagem qualitativa nos ajuda a não nos restringirmos a análises meramente quantitativas como também nos auxilia a termos uma visão crítica diante dos dados que nos postos pela investigação. Por meio da abordagem qualitativa, podemos compreender com maior precisão as razões que estão implícitas em certos acontecimentos, em certas ocorrências.

O método que utilizamos se aproxima dos estudos etnográficos. No entanto, não usamos exatamente a etnografia, pois não nos debruçamos sobre o grupo pesquisado da mesma maneira que faz um etnógrafo. Marli André (2010) fez um livro sobre a relação etnografia e prática escolar e nesse livro, ela explica que, em educação, usamos métodos que se aproximam da etnografia, porém não são etnográficos como o método usado por antropólogos e linguistas.

O método que usamos, em nossa pesquisa, possibilitou-nos fazer uso de duas técnicas de coleta de dados, muito utilizadas nas pesquisas etnográficas: a entrevista semiestruturada e a observação participante. Essas duas técnicas foram usadas, porque entendemos que são necessárias ao que pretendemos saber: o diálogo e a contextualização minimizam e/ou erradicam a violência ocorrida no ambiente escolar? Essa é certamente a pergunta-chave de nossa investigação.

A entrevista semiestruturada é usada para ajudar o pesquisador a compreender melhor aquilo que durante a observação não ficou muito claro e por isso, necessita de esclarecimentos mais amplos. A entrevista semiestruturada, a partir de uma abordagem qualitativa, pode, em muitas ocasiões, ocorrer várias vezes e de forma intensa, uma vez que é papel dessa técnica ajudar o pesquisador a aprender mais sobre o objeto investigado.

A entrevista semiestruturada como o próprio nome diz não é rígida nas perguntas, porém é feita com um roteiro e acontece de modo mais flexível no tocante ao que se quer perguntar. Não precisa ser perguntado exatamente o que está no roteiro, mas podem ser feitas perguntas que se baseiem no

roteiro proposto. A entrevista semiestruturada, no caso de nossos estudos, foi muito importante.

Além da entrevista, como já dissemos, fizemos uso da observação participante. Através dessa técnica, conseguimos ver e compreender muitos acontecimentos dentro da escola e mais especialmente dentro da sala de aula. A observação ajuda o pesquisador a ter uma noção real de como se dão acontecimentos, por vezes, só dito durante as entrevistas. A observação é uma técnica que ajuda bastante pesquisa como a nossa.

A observação, além de ter um momento exploratório, também pode ter um momento em que o pesquisador, para além de observar, participe do processo de investigação de maneira mais próxima do objeto, explicando para os participantes da pesquisa qual o seu papel naquele momento e o que pretende com aquelas anotações. A observação participante colabora com a permanência do pesquisador no grupo pesquisado.

Em razão do que dissemos acima, usamos vários instrumentos de pesquisa: o diário de campo, onde anotamos tudo que observávamos; a máquina fotográfica, onde registramos todos os momentos possíveis de serem registrados com imagens; a gravação em áudio, para que depois, pudéssemos fazer transcrição durante o processo de análise dos dados propostos.

Nossa pesquisa empírica, aconteceu numa escola municipal, localizada no bairro da Várzea, na cidade do Recife, estado de Pernambuco. É uma escola pública, que oferece à comunidade escolar as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil – Pré Escolar para as crianças com idade de cinco anos; Ensino Fundamental – Anos Iniciais a partir dos seis anos. A Escola tem um total de 24 turmas, sendo aproximadamente 30 alunos na Educação Infantil e 454 alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois constantemente há matrículas e transferências devidas a diversos problemas familiares.

De um ponto de vista da rede física, a escola tem a seguinte estrutura: 1 Direção/Secretaria, 12 salas de aulas, 1 sala de Professores, 1 sala de Coordenação, 1 biblioteca, 1 laboratório de Informática, 1 sala de mídias, 1

sala para Programa Mais Educação, 1 sala para programa Distorção idade/série, 1 Cozinha/Refeitório, 2 almoxarifados ( materiais didáticos e limpeza), 6 sanitários (masculino e feminino), 2 sanitários para funcionários, área livre (acolhimento e eventos).

A escola conta com seguinte quadro humano: 1 gestão e 1 vice-gestão; 1 assistente de gestão; 1 assistente patrimonial; 4 auxiliares de serviços gerais; 1 coordenação pedagógica; 1 professora readaptada e 20 professores efetivos regentes de aula; 2 professores específicos para a educação especial; 8 professores contratados e 6 estagiários.

Os sujeitos que participaram de nossa pesquisa foram professores efetivos, regentes de aula do Ensino Fundamental. Inicialmente, tiveram suas aulas observadas e depois de várias observações, foram entrevistadas a partir dos objetivos geral e específicos que nortearam a nossa pesquisa e ajudaram na formatação de nossa coleta de dados empíricos.

## **5. Análise e Discussão dos Dados Coletados**

Fizemos observação em sala de aula de duas professoras e essas mesmas professoras nos concederam as entrevistas. As entrevistas foram realizadas durante os meses de março e abril de 2016 e a análise que seguirá agora demonstra as nossas discussões preliminares sobre os dados coletados. Num outro artigo, para posterior publicação, daremos continuidade a discussão aqui proposta e teremos condições de apresentar os dados e por conseguinte aprofundar determinados pontos que aqui são tão-somente apontados.

Seguimos o seguinte roteiro de perguntas:

### **Bloco 1**

1. Para você é possível desenvolver relações saudáveis que conduzam à reflexão sobre as causas e as consequências da violência na escola?

2. Se sim, como isto poderia se concretizar na prática?
3. Para você, o Projeto Político Pedagógico da escola representa a realidade praticada?
4. É importante que se investiguem as causas de violência na escola entre os alunos e quais as consequências?
5. A violência na escola entre alunos interferem no ensino aprendido? Como?

### **Bloco 2**

1. O que é violência para você?
2. O que é para você violência na escola?
3. Quais as causas na sua opinião, da violência escolar?
4. Quais as consequências, dê sua opinião da violência na escola?

### **Bloco 3**

1. A sua sala de aula é violenta? Por quê?
2. O que você faz para minimizar/erradicar a violência na sala de aula?
3. Você tem um bom relacionamento com alunos? Porquê?
4. Você trabalha com interdisciplinaridade na sala de aula? Como?
5. Para você é possível desenvolver relações saudáveis que conduzam à reflexão sobre as causas e as consequências da violência na escola?
6. Se sim, como isto poderia se concretizar na prática?
7. Para você, o Projeto Político Pedagógico da escola representa a realidade praticada?
8. É importante que se investigue as causas de violência na escola entre os alunos e quais as consequências?
9. A violência na escola entre alunos interfere no ensino aprendido? Como?

As perguntas foram divididas em 3 blocos, sendo que cada bloco tinha relação um com outro e pretendeu trazer à tona um quadro geral do que as professoras pensavam sobre a violência ocorrida na escola e se havia, na

prática dessas professoras, as duas categorias: diálogo e contextualização. Desse modo, procuramos fazer uma análise que traga os resultados daquilo que pesquisamos nas entrevistas somado ao que vimos nas observações.

Quando questionadas sobre se seria possível se manter relações saudáveis na escola, ambas as professoras nos disseram que sim. Acreditam que essas relações serão saudáveis na medida em que houver “respeito” entre as pessoas. Elas afirmam que as relações estão adoecidas na escola e que o grande problema é que a sociedade também está adoecida.

**Professora A:** Tem de ter respeito, quando não tem, é bagunça.

**Professora B:** Eu acho que o respeito é fundamental.

Quando apresentam propostas de como poderiam tornar saudável as relações na escola, as professoras entrevistadas afirmam que a família precisa ajudar e que sem a ajuda da família, não poderá acontecer “escola boa para todos” (FANTE, 2013). Elas entendem que os alunos devem ouvir os professores e devem respeitar os professores e se não fizerem isso, terão de passar por castigos.

**Professora A:** O castigo resolve muita bronca.

**Professora B:** Se não obedece, o castigo é remédio.

As professoras acham que o PPP da escola não representa a realidade, pois “aquilo é só papel”. De verdade, elas ignoram a relevância do PPP, pois não se sentem autoras do documento. Numa análise simples que fizemos, vimos que no atual PPP da escola, não existe de modo claro um caminho para que se possa pensar a minimização e a erradicação da violência no ambiente escolar.

As professoras acham que é importante saber por que os alunos são violentos e também entender o que pode ser feito para que essa violência

deixe de acontecer. No entanto, elas dizem que não conseguem “conversar” muito com os alunos, pois o “tempo de trabalho” é sempre corrido. “O trabalho impede que a gente sente e converse com eles” (PROFESSORA B). “Eu até quero conversar, mas não tenho é tempo. Aí, corro muito”. (PROFESSORA B).

As professoras acreditam que a violência em sala de aula - e na escola como um todo - interfere muito nos processos de aprendizagens. Elas entendem que a violência é um mal que vem de fora da escola e fica dentro da escola e transforma aquele lugar num “inferno”.

**Professora A:** Eles trazem de fora as coisas ruins que fazem aqui dentro. É muita família doida.

**Professora B:** O que fazem de maldade trazem é do mundo perdido daí de fora.

Quando perguntadas sobre conceito de violência, as duas professoras afirmam que a violência em si é uma falta de respeito da sociedade para com a sociedade, de uma pessoa para com outra pessoa e que a violência é muito grande entre pessoas que não conversam entre elas e entre pessoas que só acusam e julgam, agredem e violentam, são brutas e não conseguem entender que “cada um” é de um jeito e que “esse jeito” necessita ser respeitado.

Com base nas respostas das docentes, podemos inferir que ambas têm o conceito de violência ligado ao não respeito dos direitos do outro. Para as docentes entrevistadas, a violência na escola configura-se numa situação onde não só as crianças, mas os jovens e os adolescentes trazem para dentro da escola, o que eles vivenciam nas ruas, ou seja, na sociedade. O que se aproxima bastante com o conceito de violência trazido por Gonçalves (2002), quando este afirma que a violência escolar só existe porque a sociedade na qual a escola está inserida também é violenta e não sabe resolver sem guerras os conflitos por ela vivenciados.

Quando questionadas sobre violência na escola, as entrevistadas relataram que a violência na escola tem várias causas, comungam com a ideia de que uma delas é a violência familiar. Quando a criança ou o adolescente convive num ambiente violento (e principalmente a criança) reproduz muito o que experimenta. A mudança de comportamento e dos valores sociais também são apontados como uma das possíveis causas da violência que é vivenciada dentro das escolas, nas salas de aula.

**Professora A:** Eu acho que eles veem e repetem. Outro dia, um menino me disse que batia aqui e apanhava ali. Ele queria dizer que fazia com os colegas o que faziam com ele.

**Professora B:** Uma vez, a menina partiu para cima da outra e ela dizia: vou fazer com você, bandida, o que o desgraçado faz comigo. Pensa que é fácil para eu?

Segundo o que nos disseram as professoras entrevistadas, além da sociedade, nos dias atuais, apresentar vários modelos de violência, “os alunos não se respeitam como antigamente se respeitavam e quando podem até querem matar”. Para elas, no passado, os próprios pais agiam com violência, batiam demais, mas eles se preocupavam em educar e “hoje nem tanto”. “Hoje, eles nem ligam se tem filhos. Os meninos são criados como se fossem batata” (PROFESSORAS A e B).

A análise feita pelas professoras indicam um certo saudosismo e em certo ponto, uma tentativa de aproximação com pais para estabelecer parcerias com os familiares no processo educativo dos estudantes. Na opinião das professoras, as consequências sobre a violência na escola são variáveis, “existem vários momentos de consequências, vários tipos de consequências e quem têm que ver e arcar com isso geralmente é a sociedade”.

A pluralidade de consequências da violência no ambiente escolar de certa forma dialoga com Sposito (2002), quando esta autora afirma que as

diversas modalidades de violência engendradas na sociedade atingem, além dos espaços privados, àqueles de domínio público e os efeitos dessa violência acabam por afetar praticamente todos os contextos institucionais, entre eles, a escola.

Ao perguntar a uma das professoras se sua sala de aula é violenta, a ouvimos responder “não”. No entanto, quando “reflete” mais um pouco sobre a pergunta, explica que “existem outras salas mais violentas que a dela” e afirma que também existe violência na sua sala de aula sim, pois, “na realidade a violência não é só física”, “às vezes verbalmente você está sendo violento com seu colega também”. Fica claro nessa fala que ora a professora nega o fenômeno em sua sala, mas depois, explica que a “violência é de muito jeito”.

Durante nossas observações em sala constatamos que essa mesma professora sempre procura fazer um trabalho diferenciado, mostrando aos estudantes que determinada forma de falar com o “colega” não é a forma adequada e procura amenizar essa situação com exemplos práticos e na linguagem deles, para que eles compreendam que a forma como nós nos dirigimos aos colegas pode fazer parte de uma manifestação de violência.

Outro questionamento referia-se ao que era feito para minimizar /eradicar a violência na sala de aula. Segundo a professora, para minimizar a violência na sala de aula, ela conversa com os alunos a questão do respeito entre si, o respeito ao professor e o respeito aos funcionários da escola também. O respeito como o princípio de tudo parte de uma conversa e um bom relacionamento entre o professor e o estudante.

A professora tenta praticar o que propõe Abramovay (2002) ao defender que as crianças e adolescentes violentos são crianças e adolescentes que aprendem a ser violentos, porque não são educados para o diálogo e para o contexto. Quando questionadas sobre terem um bom relacionamento com os alunos, as docentes relataram que procuram ter um bom relacionamento com seus alunos e os trata como devem ser tratados, com respeito, exigindo respeito e respeitando cada um do jeitinho que é, sempre procurando

entender cada situação. Elas afirmam que existem várias situações dentro da sala de aula e existem alunos singulares onde o professor está sempre sujeito de ver violência, mas sempre procurando tratá-los com muito cuidado, respeito e o diálogo que é a base de tudo.

Aprendemos com nosso estudo que um novo olhar sobre a educação, uma nova postura sobre a realidade, enriquecida pelas diferenças, fazem da escola um espaço de inclusão. A escola deve ser transparente em seus valores e receber os alunos como protagonistas, coautores do processo educativo. Faz-se urgente assumir a pedagogia dialógica (FREIRE, 1975).

A pedagogia monológica, punitiva, discriminatória é também uma expressão de violência (GALVÃO, 2010), pois produz a exclusão social. O currículo escolar já não pode ser conteudista, mas contextualizado, respeitando a realidade do aluno que passa a ser agente transformador da realidade.

Trata-se de uma mudança paradigmática, da pedagogia monológica para a pedagogia dialógica (FREIRE, 1975). Se para Galvão (2010), a escola é autora, vítima e palco da violência, para Caballero (2000) não é justo culpar a escola pelos problemas de violência escolar – da qual é também vítima – mas podemos responsabilizar a instituição escolar pelas respostas que dá – ou não – a estes problemas.

Esperamos que os conflitos na escola sejam superados por uma ação pedagógica conjunta onde a prática dialógica comece com a gestão e envolva os diversos atores sociais na construção de uma escola eficiente e capaz de se enriquecer com a diferenças e usufruir da paz que vem da tolerância e do respeito.

Fica explícito que os conflitos surgem das divergências, mas a partir deles, é possível buscar-se soluções, surgem possibilidades e depende dos atores envolvidos saberem administrá-los em favor da comunidade.

Segundo os sujeitos da pesquisa é importante o trabalho de investigação na escola em suas diferentes manifestações, principalmente entre os professores e alunos, pois a investigação conduz a reflexão sobre as causas

da violência e consequências da violência, que muitas vezes surge da própria estrutura familiar e da comunidade.

Com esse trabalho, foi possível identificar as prováveis causas da violência no ambiente escolar. A identificação dos problemas não garante a solução deles, mas a reflexão sempre é uma possibilidade de mudança, mesmo que essa seja de forma lenta. Refletir sempre ajuda, já que ao refletir, nosso olhar se amplia sobre o mundo e amplia nossa capacidade de resolver os problemas do cotidiano. De forma geral, percebemos que a violência na escola, principalmente, entre alunos, interfere no ensino e nas aprendizagens. Gera indisciplina que prejudica o ritmo pedagógico de alunos e de professores.

A violência tem se tornado tão comum que as ações pedagógicas ficam enfraquecidas em relação a um trabalho sistemático e eficaz no sentido de formar cidadãos. Certamente, a violência na sala de aula não traz benefícios para o aluno nem para o professor, que precisa desenvolver um bom trabalho profissional e, muitas das vezes, não está preparado por uma série de motivos (alguns já discutidos aqui) para administrar os conflitos e garantir a qualidade do fazer pedagógico.

Vivemos numa sociedade extremamente violenta, realidade que a mídia capricha em noticiar: roubos, assaltos, corrupção, *bullying*, resultado de uma sociedade desigual, onde os valores éticos se tornam uma questão a se pensar. O reflexo dessa realidade na escola está nas agressões e nas ofensas entre alunos, entre professores e alunos, desrespeitos aos funcionários, assédios e tantas outras situações que desqualificam o relacionamento humano.

Entendemos que a escola como espaço de mudança, deve promover situações de reflexão e ação, onde o respeito às diferenças e o espírito de solidariedade tornem-se uma conquista diária em busca de uma sociedade mais justa. Os resultados revelam que a escola tem trabalhado suas dificuldades para enfrentar a questão da violência, principalmente porque a

prática dialógica ainda é um desafio a ser conquistado pelos educadores e pela comunidade escolar.

*Recebido em janeiro de 2017.*

*Aprovado em março de 2017.*

## Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas Escolas**. Rio de Janeiro, UNESCO, 2002.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, Papirus, 2010.

AQUINO, J.G. **Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996.

CABALLERO, A. "Transformar los conflictos: una apuesta". **Tarbiya: Revista de Investigación e Innovación Educativa**, Madrid, n. 25, p. 95-106, 2000.

CHAUÍ, Marilena. "Senso Comum e Transparência". O Preconceito. São Paulo, Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996/1997.

COLOMBIER, Claire. **A violência na Escola**. [Tradução de Roseana Kligerman Murray], São Paulo. Summus, 1989.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo, Record, 2013.

FERREIRA, Hugo Monteiro. A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar. 2007. 377f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal

\_\_\_\_\_. “O sofá estampado: a vez e a voz da infância, questões de direitos humanos”. Concerto à Lygia Bojunga. Rio de Janeiro, Cátedra UNESCO de Leitura, 2012.

\_\_\_\_\_. **A educação integral e a transdisciplinaridade**. Recife, MXM, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio: Paz e Terra, 1975.

GOMES, C. A. (Org.). “Abrindo espaços: múltiplos olhares”. In **A violência a Escola e você. Planeta Sustentável**. São Paulo, 2007. (Disponível em [planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo\\_246452.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_246452.shtml)) Consultado em maio de 2016.

GALVÃO, Afonso et.al. **Violências Escolares: implicações para a gestão e o currículo**. Rio de Janeiro, EDUC, 2010.

GONÇALVES, L.A ; SPOSITO, M.P. (2002). “Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil”. **Cadernos de Pesquisa**, 115, 101-138.

\_\_\_\_\_. A. C. T. “As escolas inovadoras: Distrito Federal”. In: GOMES, C. A. (Org.). **Abrindo espaços: múltiplos olhares**. Brasília, DF: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, SP, v. 7, n. 13, p. 119-134, ago. 2003.

NOLETO, M. J. (Coord.). **Abrindo espaços: educação e cultura para a paz**. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MICHALISZYN, Mario Sergio. Pesquisa. **Orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RICARDO, E. C. "As Ciências no Ensino Médio e os Parâmetros Curriculares Nacionais: da proposta à prática." **Ensaio – avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v.10, n.35, p.141-160, abr/jun. 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. "A instituição escolar e a violência". In **Cadernos de Pesquisa Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo, Brasil, n. 17, p. 58-78, 2002.

ZABALA, A. **La Práctica Educativa: cómo enseñar. Las secuencias didácticas y las secuencias de contenido**. Barcelona (España): Colección El Lápiz, 1995. ●